

A chegada de Zé ao Reino dos Céus

Cássio M Turra¹

Zé Alberto,² demógrafo, professor, pesquisador, amigo, irmão, marido, pai e avô, partiu na madrugada de 27 de outubro. Resistiu à morte por mais de um mês, pois gostava da vida que levava na Terra. Sempre apostou que viveria, por aqui, tanto tempo quanto Dona Mariquinha, sua querida mãe. Achou que pescaria e ensinaria técnicas demográficas por mais 15 ou 20 anos. Se esqueceu, no entanto, que a força da mortalidade costuma surpreender os mais otimistas.

Assim que expirou, Zé chegou, ainda confuso, ao seu juízo particular. Temia que algumas artes feitas na vida, desde a mais tenra idade, o deixassem de fora do paraíso. Ansioso, lembrou que reafirmara sua fé cristã com os amigos e familiares ao longo de quase 80 anos. Fora seminarista e costumava passar adiante ensinamentos aprendidos nessa época. Alguns deles, como as histórias de Santo Agostinho, contou para centenas de jovens. Havia praticado a solidariedade e o amor ao próximo em inúmeras ocasiões, principalmente com os alunos mais necessitados. Além disso, um de seus tios tinha sido padre e sua mãe, uma católica fervorosa. Se fosse necessário, os dois intercederiam por ele, imaginou.

Fez também uma rápida avaliação de sua carreira. Estava seguro de que contribuiu até o último dos seus dias. Ensinou demografia e economia por mais de 50 anos. Sempre se empenhou, ao máximo, para transformar a vida dos alunos. Era reconhecido e amado por eles, o que certamente tinha muito valor para o Altíssimo. Criou instituições que permanecem vivas e publicou artigos e livros em temas que foram fundamentais para o avanço do conhecimento científico. Colecionou desentendimentos, é verdade, mas nada fora do padrão humano. Se isso tudo não o livrasse, pensou, o perdão divino haveria de prevalecer. Se convenceu, portanto, que com um pouco de sorte iria para a glória de Deus.

Seguindo o protocolo, todos os prós e contras foram devidamente contabilizados na entrada do Reino dos Céus. Pediram a Zé que esperasse do lado de fora a fim que deliberassem sobre seu destino. Essa situação o fez lembrar das inúmeras vezes que pediu a jovens candidatos ao mestrado e doutorado que aguardassem os resultados das defesas de tese do lado de fora dos auditórios. Sentiu, na própria alma, a angústia da espera pelo resultado. Lá dentro, a Mãe de Deus e de todos nós conversava com o Criador sobre as últimas experiências de Zé na Terra.

A primeira ocorrera dias antes dele partir, em um diálogo com um amigo mais jovem, entre a primeira e a segunda (e fatal) quedas que teve em casa. Ao contar que nada viu, nada sentiu, nada pensou no primeiro tombo, que apenas se desligou e caiu, foi confrontado pelo amigo com a ideia de que provavelmente a passagem para a morte fosse apenas aquilo. Seria a passagem para o nada. Esse tal amigo era um provocador, às vezes meio insistente e turrão, mas naquela noite parecia guiado por Nossa Senhora. Zé retrucou imediatamente, afirmando que a morte era muito mais. Muito mais do que se desligar apenas. Muito mais do que alguns números que registramos em uma tabela de vida, defendeu. A morte, segundo Zé, não era um estado absorvente. Perdoou o amigo, lembrando, como sempre fazia, que a idade sempre trazia humildade e sabedoria e que, por isso, não podia exigir muito

¹ Professor associado do Departamento de Demografia, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² José Alberto Magno de Carvalho (1940-2020) | International Union for the Scientific Study of Population (iussp.org)

de alguém mais novo. Tais palavras de confirmação, ditas de forma despretensiosa, a poucos dias do até então desconhecido fim, foram consideradas durante o juízo particular. Também foram enfatizadas as semanas de sofrimento que Zé passou no hospital. Foi uma viagem final muito dolorosa, que exigiu dele coragem e convicção na fé cristã, ponderou a Santa Maria. Nesse exato instante, as portas se abriram e a alma de Zé foi impelida para junto do Senhor. Ele acabara de conquistar a vida eterna.

Ao entrar na alegria do Céu, antes de poder rever parentes e conhecer familiares de gerações passadas, Zé foi recebido por um antigo amigo, o também demógrafo Luiz Armando.³ Se sentiu aliviado e amparado. Sempre temeu a chamada paz de cemitério, mas, ao ver Luiz Armando, entendeu que a eternidade seria animada, regada a música e a cachaça. Na verdade, Deus havia destacado o antigo amigo para dar-lhe as boas-vindas por uma razão menos mundana. O colega lhe contou que, por lá, os demógrafos se encontravam periodicamente para se distrair e discutir antigas e novas questões populacionais. Em sua vida na Terra, Zé fora aposentado compulsoriamente aos 70 anos. Na época, receou ser impedido de exercer seu único ofício. Quando soube que poderia continuar fazendo o que mais gostava, *ad aeternum*, se sentiu finalmente no Céu.

Ao longo das décadas, Deus havia formado um grupo de demógrafos eternos. Era uma turma coesa, pouco barulhenta e relativamente pequena, principalmente se comparada às turmas de economistas e sociólogos, que, claro, também tinham seu espaço no além. No paraíso, assim como na Terra, os demógrafos não se deixavam levar por qualquer hipótese ou ideia que circulava nos círculos de almas. Teorias eram importantes para eles, mas não eram mais importantes do que os dados, as estimativas e os modelos empíricos. Informações que vinham do inferno eram tratadas com igual ceticismo, mas eram também respeitadas e consideradas, sem maiores resistências. Examinavam tudo, independentemente da origem, antes de emitirem qualquer opinião definitiva. Talvez fosse um grupo um pouco realista demais para os padrões divinos, mas Deus sempre os ouvia, pois os considerava uma turma inteligente, capaz de articular ideias de vários grupos de almas e pouco afeita à soberba. Além disso, eles tinham uma outra função muito importante para manter a paz no Céu. Deus sempre se perdia na contagem das almas, as que iriam habitar os corpos de recém-nascidos e as que retornavam para o paraíso. Além disso, nem sempre era capaz de prever, antecipadamente, quais almas passariam transitoriamente pelo purgatório e as que rumariam diretamente para o inferno, o que atrapalhava o planejamento celestial. Os demógrafos o ajudavam nas tarefas de coleta de dados e mensuração, estimação, projeção e predição como nenhum outro grupo de desencarnados.

Zé foi encaminhado para o chamado “cantinho dos demógrafos” por Luiz Armando. Foi recebido de braços abertos por Alfred,⁴ Louis,⁵ Bill,⁶ Ansley,⁷ Nathan,⁸ e Giorgio,⁹ líderes da parte da turma mais chegada aos métodos demográficos. Uniu-se a eles com a mesma felicidade de um jovem que defende sua tese de doutorado na vida terrena. Sentiu-se renovado. Ao ver Bill, seu principal mentor na demografia, se emocionou muito e teve que ser amparado por David,¹⁰ que também tinha sido seu

³ Fecundidade nas regiões brasileiras a partir de 1903: uma tentativa de reconstrução do passado através das gerações | Frias | Anais (abep.org.br).

⁴ Dr. Alfred Lotka, Statistician, Dies; Former Official of Metropolitan Life Wrote Many Studies of Population Trends - The New York Times (nytimes.com).

⁵ Louis Henry (1911-1991) – Persée (persee.fr).

⁶ 16 Brass P111 0874 (thebritishacademy.ac.uk).

⁷ Ansley Johnson Coale, 14 November 1917 - 5 November 2002 on JSTOR.

⁸ View of Tribute to Nathan Keyfitz (ualberta.ca).

⁹ IBGE | Memória | sínteses históricas | pioneiros do IBGE | Giorgio Mortara.

¹⁰ David Victor Glass (1911-1978) on JSTOR.

orientador. Desde que estudou em Londres, nos anos 1970, os trabalhos do velho escocês tinham inspirado suas pesquisas e aulas.

Bill o abraçou entusiasticamente, mas estava confuso com o reencontro. De um lado, estava felicíssimo com a ideia de poder trocar ideias sobre métodos indiretos com um antigo pupilo, até o fim dos tempos. De outro, no entanto, temia que com a chegada de Zé ao paraíso não sobrasse na Terra mais ninguém capaz de ensinar suas técnicas com o mesmo amor, competência e entusiasmo. Para celebrar o encontro dos dois, Luiz Armando reservou uma nuvem especial e pediu que servissem scotch e cachaça produzidos por boas almas escocesas e mineiras. Ordenou que a banda de harpas tocasse apenas músicas de Minas. Cantou todas elas sem vacilar, lembrando-se das serestas nos encontros de população, dos tempos em que ainda estava vivo.

Zé estava ansioso para dividir algumas notícias com o antigo mestre. Por anos, havia ensinado e utilizado a famosa técnica P/F do Bill para mensuração da fecundidade. Sempre destacava sua robustez, mesmo quando a condição de fecundidade constante não era atendida. No entanto, já no fim da vida, havia detectado que o uso do fator de correção P_2/F_2 podia gerar erros em países como o Brasil, onde a fecundidade adolescente (15-19 anos) havia variado significativamente entre coortes adjacentes. Orgulhoso, relatou que havia desenvolvido, inclusive, a solução.

Seguiu contando suas façanhas para o inventor da metodologia original. Recordou que ambos foram incapazes de notar o início da transição de fecundidade no Brasil, em sua tese, a partir das séries P/F. Mas batendo nas costas do chefe, lembrou que se redimiriam alguns anos mais tarde, a tempo dele se tornar o primeiro a apontar esse fato, usando novos dados e a mesma técnica. Pediu então mais uma dose da santa branquinha para contar aquela que foi sua última descoberta na demografia: “Bill, demonstramos que é possível utilizar sua técnica para medir variações de coorte na fecundidade. Não sei se você está percebendo, Bill? Aproveitamos que as condições de fecundidade constante não eram atendidas no caso do Brasil e fizemos do limão uma limonada. Quando deixei a turma, estávamos tentando datar o início da queda de fecundidade em diferentes regiões do país!”

O mestre ouviu tudo atentamente. Já sabia desses avanços feitos pelo empolgado aluno, é claro. Havia acompanhado o desenvolvimento dos trabalhos de Zé, lá de seu cantinho no Céu. Fingiu que tudo era uma novidade e o parabenizou com grande entusiasmo. Embalado pela música e pela bebida, Zé quis chorar (sim, o espírito também chora) quando narrou que os últimos trabalhos foram desenvolvidos em colaboração com um jovem demógrafo. Talvez o mais leal de todos os seus orientandos, disse ele. Bill quis saber seu nome. Apesar da língua inglesa não ser seu forte, Zé tentou traduzir o nome para o chefe. Pensou um pouco antes de falar e tomou um susto. O nome do jovem, em inglês, também era William.¹¹ Sendo assim, emendou: “É Bill também! É o meu Billy!”

Apesar de feliz com a função eterna de demógrafo, Zé lamentava não poder ter mais contato com os colegas da demografia no Brasil, os da vida real. Percebendo sua decepção, Bill se aproximou e resolveu revelar a ele um dos grandes segredos do Céu. O confidenciou que era possível mandar novas ideias para os que ainda habitavam a Terra, por meio de sonhos e na forma de inspirações. Não deveria, mas acabou contando que estava por trás das várias vezes em que Zé acordou de madrugada para anotar novas soluções metodológicas. Foi além, disse que era parte da sensação de inspiração que Zé tinha nos fins de tarde em Belo Horizonte, fumando no parapeito do prédio da Face (na Rua Curitiba e na Pampulha). Eram apenas leves sopros, ressaltou Bill. A tarefa de transformá-los em inovações é das próprias pessoas. Nem todos conseguem. Você foi exemplar nesta arte, disse ele.

¹¹ Repositório UFMG: Tendências regionais da transição da fecundidade brasileira corrente e de coorte ao longo do século XX.

A esperança reascendeu na alma de Zé. Poderia continuar inventando novas fórmulas e dividindo ideias com alguns que ficaram para trás, principalmente com o Billy. Havia, no entanto, uma dificuldade. O sistema de envio de mensagens do Céu era mais fácil para aqueles que tinham utilizado alguma tecnologia na Terra. Todos imaginavam que Zé tivesse acompanhado os avanços ocorridos nessa área. Pensavam que ele havia, pelo menos, superado a fase de cartas e telegramas. Zé, no entanto, admitiu que nunca ligara um computador na vida anterior.

Quando parecia tomado novamente pelo desalento, surgiram alguns anjinhos, almas de crianças que alegam o Céu. Uma delas se ofereceu para fazer a conexão com a Terra sempre que Zé precisasse. Seu espírito se encheu de alegria e de boas recordações novamente. Lembrou-se de Maria Flor, sua netinha mais nova. Em seus meses finais de vida, isolado pela pandemia que assolara a humanidade, ela o manteve ativo, conectando-o com os amigos e colegas da demografia, por meio de plataformas de comunicação. Zé ainda não sabia, mas passaria a enviar mais do que ideias sobre métodos demográficos para os colegas. Por toda a eternidade, mandaria também conforto e luz para sua família e para futuras gerações de descendentes e de alunos do Cedeplar, sempre amparado pelos anjinhos do Céu.

Esta é uma narrativa fantástica repleta de fatos verídicos.